



**Wilton Petrus dos Santos**



Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

[wiltonpetrus@yahoo.com.br](mailto:wiltonpetrus@yahoo.com.br)

**Adriana Cavalcanti dos Santos**



Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

[adricavalcanty@hotmail.com](mailto:adricavalcanty@hotmail.com)

**Fernanda Rafaella da Silva**



Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

[fernandaraphaellas@gmail.com](mailto:fernandaraphaellas@gmail.com)

# O EMOLDURAR BAKHTINIANO COMO PROPOSTA DE INTERVENÇÃO E REELABORAÇÃO TEXTUAL

## RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar o emolduramento bakhtiniano como proposta de intervenção e reelaboração da discursividade textual. Partindo dos pressupostos da pesquisa-ação de abordagem qualitativa, a construção dos dados se efetivou com a coleta e análise de produções textuais de alunos de uma turma de 5º ano do ensino fundamental de uma escola pública da cidade de Maceió. Os resultados apontam que emoldurar a palavra outra possibilita um processo contínuo de reelaboração do discurso, viabilizando interlocução e novos encadeamentos para a concretização de sentidos outros no texto.

**Palavras-chave:** Emoldurar. Responsividade. Reelaboração discursiva.

## BAKHTINIAN FRAMING AS A PROPOSAL OF INTERVENTION AND TEXTUAL REELABORATION

### ABSTRACT

This paper aims to analyze bakhtinian framing as a proposal for intervention and re-elaboration of textual discursivity. Based on the assumptions of action-research with a qualitative approach, the construction of the data was composed by the collection and analysis of textual productions of students in a class of 5th grade of public elementary school in the city of Maceió. The results indicate that framing the word of the other subjects enables a continuous process of re-elaborating the discourse, allowing interlocution and new chains for the realization of Other meanings in the text.

**Keywords:** Framing. Responsiveness. Discursive Re-elaboration.

**Submetido em:** 07/04/2020

**Aceito em:** 14/05/2020

**Publicado em:** 10/12/2020



<http://dx.doi.org/10.28998/2175-6600.2020v12nEsp205-219>



## I INTRODUÇÃO

A partir da década de 1990, houve um crescente interesse por parte de pesquisadores nacionais e internacionais, tanto na área dos Estudos da Linguagem como nas Ciências Humanas e Educação, em se debruçar sobre questões filosóficas inerentes aos estudos da linguagem, tendo como base os conceitos do Círculo<sup>1</sup> de Bakhtin.

Nesse ínterim, surgiu a compreensão de se compor metodologias de pesquisas baseadas na perspectiva dialógica do discurso. Segundo Brait (2006), na teorização elaborada pelo Círculo, há caminhos para se examinar a organicidade do discurso cotidiano, o que contribui significativamente para uma nova perspectiva a respeito da linguagem humana e aponta para formas outras de compreensão da produção de sentidos.

Sob a perspectiva dialógica do discurso, discorreremos neste artigo sobre o termo “emoldurar” a discursividade (BAKHTIN, 2011). O emoldurar se apresenta como um modo de intervenção que permite interrogar e fazer objeções, visto que, os sujeitos se constituem na e pela interação da contrapalavra. O discurso é construído através do discurso de *outrem* e, por isto, nunca se esgotará em si mesmo.

O emoldurar dos discursos “obriga” um movimento constante e variado da capacidade de compreender o objeto em questão, sobretudo, a focalização de uma ideia ou fenômeno à luz de diferentes pontos de vista com o objetivo de captar o momento presente do processo de construção de significados. Então, pela contrapalavra, existe sempre um convite a novas réplicas e novos diálogos por meio do olhar alheio.

Com base nos pressupostos da pesquisa-ação (THIOLLENT, 2011) de abordagem qualitativa (LUDKE; ANDRÉ, 1986) foi possível concretizar a construção do *corpus* para a análise, a partir das produções textuais dos alunos de uma turma de 5º ano do ensino fundamental de uma escola pública da cidade de Maceió/AL. O estudo define por objetivo analisar o emolduramento como proposta de intervenção e reelaboração da discursividade textual. Buscamos também dialogar sobre as categorias de exotopia (BAKHTIN, 2011) e polifonia (BAKHTIN, 2010), pelas quais se forma a contrapalavra, emoldurando o discurso.

## 2 PRODUÇÃO TEXTUAL NA ESCOLA: DIÁLOGO EM FOCO

Buscar compreender a didática das práticas de produção de textos na escola deve ser uma agenda prioritária na formação de qualquer educador, não apenas do professor de língua portuguesa que

---

<sup>1</sup> O chamado Círculo de Bakhtin é constituído por uma equipe de estudiosos, na qual os integrantes principais são M. Bakhtin, o líder, V. N. Volóchinov e P. N. Medvedev. Todos eles possuíam pretensões filosóficas comuns e se juntavam no intuito de debater os seus pensamentos, principalmente entre 1920 e 1930, na Rússia, período de grande produção intelectual do grupo (CLARK; HOLQUIST, 1998 [1984]).

culturalmente recebe a tarefa de trabalhar o texto em sala de aula, como se a prática textual fosse desvinculada das demais disciplinas. Deve-se esclarecer que se observado o texto em seu sentido amplo, como um conjunto de signos, haveria o entendimento que toda e qualquer disciplina escolar opera a partir de textos, ao reconhecer que “onde não há texto não há objeto de pesquisa e pensamento” (BAKHTIN, 2011, p. 307).

Nesse caso é importante que educadores tomem conhecimento do valor do desenvolvimento do processo da escrita na escola, visto que, esse trabalho vai além da simples codificação linguística, envolvendo a compreensão ativa dos sujeitos do discurso, falar de texto é correlacionar à vida como ato concreto, ético e responsivo (BAKHTIN, 2017).

O trabalho com o texto de forma contextualizada antes de chegar à etapa de escrita é importante, pois, qual a razão de escrever um texto? Logo, é primordial mostrar para o aluno no momento de produção escrita: o que escreve, para quem, com que finalidade, sua circulação e qual o tipo de linguagem a ser empregada. Enfim, à escola compete a tarefa de mostrar que a prática de escrita se inscreve no âmbito social e não de um ato mecânico, desvinculado de sentidos.

Se o texto é concebido como prática social, o diálogo sobre as intenções discursivas do autor deve predominar de forma permanente. Nesse sentido, o professor se coloca no papel de um leitor sempre interessado pelas formas do dizer do seu aluno (BAZARIM, 2006). No entanto, no processo de reelaboração textual discursiva compete a esse leitor interessado dialogar com os alunos sobre suas materialidades escritas, fazendo interface com a estrutura física do texto e os efeitos enunciativos os quais ultrapassam a simples leitura de códigos.

Com as lentes da perspectiva discursiva bakhtiniana, espera-se que o professor direcione, por meio do processo de emolduramento, a partir do dito pelo aluno, os modos de reelaboração do texto. Nessa perspectiva, mostrando interesse pelo texto do aluno através do diálogo, criando, assim, uma cadeia interlocutiva de forma escrita ou falada, nas bordas do texto, ou através de um bilhete para que provoque reelaborações, ou melhor, as respostas outras do aluno.

Para Bakhtin (2014), o primado dessa cadeia interlocutiva pertence justamente à resposta, como princípio ativo da compreensão. A compreensão amadurece apenas na resposta. A compreensão e a resposta estão fundidas dialogicamente e reciprocamente, uma não se realiza sem a outra. Eis neste ponto o surgimento do quadro exotópico e emoldurador que serão abordados no próximo tópico.

### **3 EXOTOPIA E EMOLDURAMENTO**

Analisando uma cena utópica do filme “as aventuras do Barão de Munchausen” (1943) na qual ao cair em um atoleiro, com o seu cavalo, o citado Barão exclui do perigo o seu animal como também a si

mesmo puxando, simplesmente, o seu próprio cabelo até levantar. Em um cenário concreto esse ato autossuficiente não seria possível, uma vez que, seria necessário um ponto de força exterior para que o Barão recebesse apoio contra a gravidade, logo, dependeria da ajuda e da presença de um outro sujeito.

Ao olhar a identidade apenas como identidade própria, autossuficiente e singular, o eu como eu, o sujeito será condenado a um lugar eterno de prisão, em um atoleiro sem escapatória. O eu é uma prisão e quem pode trazer libertação do eu? Quem pode retirar o prisioneiro desse lugar é o outro, é a alteridade, em relações de alteridade e exotopia (MIOTELLO, 2018).

O entendimento sobre exotopia bakhtiniana correlaciona com o postulado de Saramago (1998, p.8) quando registra: “não nos vemos se não saímos de nós”. É necessário estar de fora para enxergar a ilha e é impossível alcançar a visão (quase que) totalizante de um território quando se está dentro dele, de forma isolada, em um lugar de total limitação das percepções. Todavia, a partir do momento em que se consegue recolocar espacialmente, sobrevoar ou circular o local (afastando-se às vezes), percebe-se a sua dimensão, seus perigos e as demais possibilidades ao redor. Nessa direção, afirma Bakhtin (2011, p. 21):

quando entro em contato com alguém, tenho em relação a ele um excedente de visão. Posso, por exemplo, ver nele elementos que lhe são inacessíveis em condições normais. Quando contemplo um homem situado fora de mim e à minha frente, nossos horizontes concretos, tais como são efetivamente vividos por nós dois, não coincidem. Por mais perto de mim que possa estar esse outro, sempre verei e saberei algo que ele próprio, na posição que ocupa, e que o situa fora de mim e à minha frente, não pode ver: as partes de seu corpo inacessíveis ao seu próprio olhar – a cabeça, o rosto, a expressão do rosto –, o mundo ao qual ele dá as costas, toda uma série de objetos e de relações que, em função da respectiva relação em que podemos situar-nos, são inacessíveis a mim e inacessíveis a ele. Quando estamos nos olhando, dois mundos diferentes se refletem na pupila de nossos olhos. Graças a posições apropriadas, é possível reduzir ao mínimo essa diferença dos horizontes, mas para eliminá-la totalmente, seria preciso fundir-se em um, tornar-se um único homem. Esse excedente constante de minha visão e de meu conhecimento a respeito do outro, é condicionado pelo lugar que sou o único a ocupar no mundo: neste lugar, neste instante preciso, num conjunto de dadas circunstâncias, todos os outros se situam fora de mim.

Bakhtin (2011) considera que quando estamos diante de alguém, essa pessoa sempre terá, em relação a nós, um excedente de visão, uma visão exotópica, um olhar mais detalhado de quem somos. O outro observa particularidades que jamais conseguiríamos perceber. Cada sujeito ocupa um lugar único num determinado momento da existência, o que, segundo Bakhtin (*op. cit.*), confere uma singularidade intransferível. Dessa posição, os sujeitos são insubstituíveis. Por isso, o que se pode ver a respeito do outro do meu ponto de vista é meu excedente de visão em relação a ele. Exotopia pode ser definido como o ato de estar no exterior. Segundo Machado (2005, p. 131),

olhar o mundo de um ponto de vista extraposto, totalmente diverso da percepção centrada num único ponto, para melhor captar o movimento dos fenômenos em sua pluralidade e diversidade, não traduz apenas a postura filosófica de Mikhail Bakhtin; define, igualmente, a orientação de seu sistema teórico fundado no dialogismo, através do qual ele procurou compreender o mundo e seus sistemas de signos.

Esse estar no exterior é um tema relevante para Bakhtin (2011). Para o autor, são os acontecimentos externos que estão a constituir o nosso interior. Os princípios de enformação da alma são princípios de enformação da vida interior, através de outra consciência. Nesse ponto de vista, [...] “o trabalho do artista se desenvolve nas fronteiras da vida interior, onde a alma está interiormente voltada para fora de si. O outro indivíduo está fora e diante de mim não só externa, mas também internamente” (BAKHTIN, 2011, p. 93). Nessa ótica, percebe-se a importância do discurso outro para a formação da discursividade.

Para Magalhães Jr. (2010, p. 17), [...] “uma relação dialógica produtiva é aquela que cria exotopia”. Em vista disso, pode-se dizer que a partir do momento que se percebe o que o outro vê em nós e conseguimos acrescentar uma visão diferenciada e não coincidente com a visão anterior, haverá um movimento dialógico. Tal movimento deve acrescentar uma nova visão, novos significados e uma nova consciência. Assim, [...] “o processo exotópico se realiza quando, munido desse olhar do outro, retorno a mim mesmo e efetivamente coloco em ação o excedente de visão que o outro me proporcionou” (MAGALHÃES JR., 2010, p. 17).

Nesta visão, nenhuma alteridade ocorre se não houver alguma noção de diferença. É o excedente de visão que o outro vai proporcionar que pode criar uma diferença de percepção. Isso porque só esse outro pode, do lugar em que habita, dizer-me a mim que estou condenado a não me ver. É na tensão de dois mundos opostos que surge o emoldurar (comentar, avaliar, fazer objeções, etc), isso é inevitável, até mesmo pela posição de horizontes díspares onde se realiza o pensamento cognoscente e valorativo dos sujeitos.

Volóchinov (2017, p. 98) postula que [...] “a lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação sógnica de uma coletividade”. Em outras palavras, a lógica da construção da consciência está atrelada à comunicação e a questões ideológicas na interação sógnica com valores significativos. Sobre isso, alerta Amorim (2004, p. 223): “O encontro com o outro traz em si a possibilidade de me desencaminhar”. Este encontro se realiza em um contexto dialógico e polifônico, sobre isto, discutiremos a seguir.

## **4 POLIFONIA E EMOLDURAMENTO: DIÁLOGOS POSSÍVEIS**

Bakhtin (2010) fundamentou o termo Polifonia a partir das análises ficcionais dos romances de Dostoiévski. Esse conceito surgiu como contraproposta do que se conhecia na época como monodia ou homofonia, termos retirados da música, que em sentido amplo se referem à entoação de cânticos por uma única voz de forma idêntica e contínua.

Bakhtin (2010) diz que a Polifonia coloca em jogo algo mais amplo, ele percebeu nessa teoria a multiplicidade de vozes ideológicas resistentes à imagem em ausência. Em uma dada formação discursiva, as vozes se arranjam entre si em um movimento ininterrupto formando a base essencial do enunciado. Em vista disso, o texto é formado por inúmeras vozes que extravasam os limites da palavra.

Dostoiévski foi caracterizado como o criador do chamado “romance polifônico”, entendido como um texto em que diversas vozes ideológicas contraditórias coexistem em pé de igualdade com o próprio narrador. O romance polifônico contraria o entendimento do romance monológico, este é percebido por Bakhtin a partir de suas características de vozes acabadas e unitárias. Sobre isso nos diz Oliveira (2019, p. 59).

O acabamento, o autoritarismo, a ideia de sujeição do personagem à vontade do autor são características do romance monológico. O romance polifônico, ao contrário, caracteriza-se pelo não acabamento, pela inconclusibilidade, pela associação ao conceito de romance como gênero em formação, passível de mudanças, em que a representação dos personagens se constitui um processo de evolução constante.

No romance polifônico, as respostas estão indefinidas por estarem sujeitas a um mundo sempre aberto e pelos sujeitos conviverem entre ideias diferentes. Por este olhar, no romance polifônico, o autor se afasta ao máximo dos personagens, narrando a distância para permitir que alguém fale por ele, fazendo surgir uma visão exotópica (OLIVEIRA, 2019). Ao contrário, no romance monológico, o autor é sempre o protagonista, construtor fundamental de todas as ideias.

Nos romances de Dostoiévski, as personagens são concebidas como sujeitos formados entre pontos de vista e juízos de valor externados por suas vozes e suas vozes outras. Para Bezerra (2010), essa consciência é produto da interação e do convívio de muitas consciências que, “na ótica do dialogismo”, participam desse convívio, respeitando os valores dos outros que igualmente respeitam os seus. Sobre isso aponta Faraco (2005, p. 47-48), [...] “a autoconsciência do herói em Dostoiévski é totalmente dialogada [...] ela vai se revelando no fundo da consciência socialmente alheia do outro sobre ele”. O herói percebe a si mesmo através da mediação da consciência dos outros heróis, fazendo surgir o emolduramento das vozes.

Bakhtin (2010) destaca que para a correta compreensão da ideia de Dostoiévski, deve-se levar em conta o papel do outro enquanto “outro”, porque é fazendo a mesma palavra passar por diferentes vozes que se opõem umas às outras que se classifica o emoldurar e a ressignificação discursiva e, conseqüentemente, os principais efeitos artísticos no texto.

Sob a ótica bakhtiniana, as vozes polifônicas surgem como mediações e possibilidades para o desenvolvimento discursivo, nesse sentido, o sujeito é mediado por outras vozes que o convida a dizer, a reconfigurar, a reescrever uma nova história. Para Miotello (2017), o que foi dito tem que ser dito de novo e mais uma vez e mais outra vez em uma corrente sem fim de enunciações. Logo, cada vez enunciada, a

palavra se torna palavra minha, numa afirmação responsável. Nesse momento, o eu e o outro são possuídos de uma autonomia relativa que os constitui autores.

## 5 ABORDAGEM METODOLÓGICA

Neste tópico, pretende-se mostrar, a partir da análise dialógica do discurso (BAKHTIN, 2011), as práticas de emolduramento discursivo que embasaram a investigação que se constituíram por intermédio de bilhetes interventivos do pesquisador aos alunos. O recurso (bilhete) foi definido como uma proposta dialógica de intervenção com a intenção de atribuir réplica ao enunciado, uma contrapalavra.

Os eventos interlocutivos das produções de textos pelos sujeitos da investigação, aconteceram entre os meses de maio e agosto de 2019 em uma escola pública da cidade de Maceió, com o propósito de contribuir com a escrita de 18 alunos de uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental. A intervenção aconteceu por meio do desenvolvimento de uma sequência didática<sup>2</sup> pela qual os alunos foram convidados a conhecer formalmente as peculiaridades do gênero conto.

Após a familiarização com o gênero, os alunos foram convidados a produzir um texto seguindo a modalidade do gênero em questão o qual seria usado como base para intervenções e reelaborações do mesmo. Desde a introdução do gênero conto até a produção da sua última versão, houve um total de quatro aulas, que resultou em três versões da produção. A cada versão do conto, o pesquisador, ao fazer a devolutiva do conto, grampeava um bilhete em cada um dos textos como modo de intervir e orientar os alunos na reelaboração.

Os bilhetes tinham por objetivo emoldurar as produções escritas dos sujeitos partícipes da investigação para que houvesse a possibilidade de reelaborações das produções. Vale ressaltar que para recorte de análise neste artigo, foi escolhida a produção textual de uma aluna que através das intervenções com os bilhetes reelaborou a sua produção três vezes até se aproximar da versão final.

A análise dos enunciados que embasam a discussão foi constituída por intermédio dos *corpora*: 1) A produção textual de uma aluna; 2) o bilhete do pesquisador à aluna. Desses *corpora* emergiu a categoria de análise: Emoldurar o discurso (BAKHTIN, 2011). Em outras palavras, os modos da contrapalavra entre os interlocutores. Assim, parte-se do pressuposto de que os limites de cada enunciado concreto como unidade da comunicação discursiva são definidos pela alternância dos sujeitos do discurso.

---

<sup>2</sup> A “sequência didática é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (DOLZ, NOVERRAZ E SCHNEUWLY, 2004, p. 97). A sequência didática mencionada, elaborada pelo pesquisador, constituiu uma sequência de contos diversos e respectivas atividades para que houvesse familiarização do gênero.

## 5.1 Emoldurando o discurso: análise de um contexto

Na primeira aula da investigação, o pesquisador dispôs a sala de aula em círculo no intuito de aproximar os alunos como também proporcionar simetria entre os sujeitos presentes. A partir de uma sequência didática, apresentou um conto (“A Menina do Vestido Azul”), leu e dialogou com os alunos sobre as impressões da leitura e as peculiaridades pelo qual o gênero foi materializado/produzido.

O conto em questão narrava a estória de uma garotinha que frequentava a escola com vestidos sujos e velhos. O seu professor sensibilizado com a situação revolveu poupar um pouco de dinheiro e presentear a garota com um lindo vestido azul. Não sabia ele que quando os pais da menina vissem o seu lindo vestido ficariam constrangidos a ponto de tomar decisões que resultariam em mudanças de comportamento como dar banho na menina e cuidar com esmero de sua casa. Logo, o referido ato dos pais da garotinha, também acabaria proporcionando certo constrangimento dos moradores do bairro, que resolveram zelar com afinco do lugar que habitavam.

Logo após a contextualização, o pesquisador convidou os alunos para que, de forma oral, dessem um formato diferente para o fim do conto e, essa ação, poderia ser feita de forma livre e espontânea. Em seguida, o pesquisador provocou os alunos para que criassem seus próprios contos, antes, para facilitar, houve uma socialização sobre o que cada um iria escrever, por fim, deram início à produção textual.

Nessa etapa, os alunos ficaram à vontade para produzir o conto com a narrativa que tivessem interesse, contudo, sempre sob a orientação do pesquisador que acompanhava aluno por aluno para que pudessem tirar dúvidas e obtivessem as orientações para o desenvolvimento do conto. O texto objeto de análise, recebeu o título de “A Princesa Assassina” e foi elaborado por Alana<sup>3</sup>, no primeiro dia da investigação. Observe a primeira versão da produção:

Quadro I – Primeira produção<sup>4</sup> textual de Alana.

### A Princesa Assassina

Era uma vez **uma princesa** que vivia no **castelo assombrado** um dia **um príncipe** foi nesse castelo a princesa se apaixonou por ele mais ela tinha **sede de matar** ela mandou ele ir embora mais ele não ia então não foi então ela o matou.

Fonte: Banco de dados do pesquisador.

No conto de Alana, houve uma sensação de inacabamento do discurso (BAKHTIN, 2011). A sensação era real, além do mais, deveria existir no leitor um esforço dobrado para completar os significados

<sup>3</sup> Usamos o nome fictício de Alana para preservar a identidade da aluna.

<sup>4</sup> As produções textuais analisadas neste artigo, mantiveram a sua integralidade linguística tal qual foram escritas pelos sujeitos, haja vista, que o propósito interventivo nesta fase do trabalho, circundou as questões dos sentidos discursivos. Ressaltamos ainda que as orientações das questões normativas do texto, se inscreveram em outro momento da aula, as quais poderão constar em um trabalho futuro.

e continuidade da estória. O conto apresentou um castelo, um príncipe, uma princesa, um quadro psicótico e, por fim, um cenário de crime que não alcançamos por falta de detalhes dos acontecimentos.

Entretanto, é justamente nesse inacabamento discursivo de Alana que pôde ser identificada a base para a construção dos recursos de intervenção, emoldurando o discurso da aluna. O intuito nessa etapa inicial era saber: quem são esses personagens? Como e onde era esse castelo? Qual o motivo da sede de sangue da princesa? Considerando-se que segundo Bakhtin (2011), o discurso (palavra) está sempre em processo, sempre inacabado e, portanto, sujeito a reconfigurações pelo emoldurar, o pesquisador buscou contrapor as palavras da aluna. Em conformidade com essa ideia, Amorim (2004) ressalta que a compreensão não é lugar de transparência e saturação do sentido, mas lugar de mediação. Compreende-se sempre sob forma do processo da palavra, reconstruindo-traduzindo o texto do outro, ou seja, emoldurando.

Cada vez que Alana reelaborou o seu texto, reformulações discursivas eram atribuídas, já que, com isso, era preciso a consulta de vozes outras (do pesquisador, dos colegas) para que a sua fosse completada e, isto, dava-lhe a base constituinte de alteridade. Portanto, é premente olhar para o conceito de alteridade, esta, apenas se configura a partir de duas consciências. Esse movimento buscou mostrar a ação entre sujeitos que respondem ativamente “eu – outro”, locutor e interlocutor, parceiros do discurso. Em suas relações, os sujeitos, alteram-se mutuamente.

Graças ao inacabamento discursivo do texto de Alana, emergiu a oportunidade de escrever o primeiro bilhete que emoldurava a voz da aluna no intuito de proporcionar a continuidade discursiva do seu texto: “A Princesa Assassina”. Na análise do texto de Alana definiu-se três pontos que emoldurava os fragmentos discursivos das versões do conto: 1) Desenvolvimento das características dos personagens; 2) Desenvolvimento de quem era a princesa e sua psicose; 3) Desenvolvimento dos aspectos do castelo.

Na semana seguinte, o pesquisador trouxe grampeado ao texto de Alana um bilhete pelo qual havia pensado nos modos expressivos para estabelecer interlocução e que houvesse compreensão por parte da Aluna das indagações e intervenções propostas. Pensando assim escreveu o seguinte bilhete:

#### Quadro 2 – Primeiro bilhete do pesquisador.

Oi, Alana

Vou te contar um segredo: eu amo histórias de terror kkkk. A que você contou é muito boa, mas ficou curta demais, quando estava me arrepiando, acabou! Que tal continuar? **Fala mais sobre os personagens, como era a princesa? Diz mais como era o castelo, a princesa era louca? Ninguém sabia que ela tinha sede de sangue?** Conta, conta mais. Estou esperando com muita ansiedade. Ok?

Fonte: Bilhete do pesquisador.

O intuito do bilhete era provocar a intervenção para a reelaboração do texto de Alana em seu sentido macro. O bilhete focava no propósito de puxar os fios discursivos que estavam ausentes no texto mobilizando a alternância interlocutiva entre a aluna e o pesquisador. A função dessa intervenção

emolduradora era provocar continuidade na produção escrita, o intuito era de que a Alana pudesse perceber as lacunas abertas e dá encandeamento ao seu discurso voltando a dar sentido ao que dizia antes. Assim, a partir da intervenção por meio do bilhete, Alana reelaborou o discurso e devolveu a seguinte réplica:

#### Quadro 3 – Segunda versão do texto de Alana.

##### A Princesa Assassina

A princesa morava no castelo assombrado que ficava no Texas, ela era linda com os cabelos pretos e longos, até ela conhecer o príncipe ela se apaixonou, mas ela sabia que uma hora ou outra ela iria matá-lo então disse vá embora você não pode ficar aqui. Ele se recusou a ir ela tentou com todas as forças não o matar, mas teve um dia que ela não conseguiu e o matou ela ficou triste, mas no fundo ela gostava. Fim

Essa história é uma versão diferente de psicose. Sim, ela era louca. Mas também o amava.

Fonte: Banco de dados do pesquisador.

Essa segunda versão do texto ainda não contemplou tudo o que foi emoldurado por intermédio do bilhete, todavia, essa seria a primeira etapa de um trabalho que levaria alguns dias para se concretizar. Bakhtin (2011, p. 275) esclarece que “cada réplica, por mais breve e fragmentária que seja, possui uma conclusibilidade específica ao exprimir certa posição do falante que suscita resposta”. Sob essa ótica, naquele momento, a resposta responsiva ativa de Alana esclarece de forma inacabada **como era a princesa, e se ela era realmente doente, dialoga sobre um estado de psicose da personagem.**

Em síntese, o texto de Alana proporcionou um convite de continuidade na parceria da escrita, pelo fato da conclusibilidade momentânea do enunciado o que possibilitou inacabamento e com isso novos diálogos, novas intervenções. Como observado anteriormente, havia ainda um trabalho a ser concluído no texto de Alana, assim, foi desenvolvida a terceira versão da produção com as intervenções a partir do seguinte bilhete:

#### Quadro 4 – Segundo bilhete do pesquisador.

##### Oi Alana,

Agora fiquei mais curioso, que história interessante, não é mesmo? **Eu fico imaginando como era esse castelo, se era grande, quantos quartos, quantos empregados, tinha festas?** Uma vez eu vi um filme de uma princesa que morava em um castelo muito grande e no castelo tinha muitas festas, todos do reino eram convidados a participar desses eventos, pois o rei era muito bom, tinha muita comida para os pobres e todos eram felizes. **Então, por que que a princesa tinha sede de sangue? Que coisa, não é? Como que ela adquiriu essa doença? Qual o nome dela? conta, conta, quero saber mais, estou esperando.**

Fonte: Bilhete do pesquisador.

Neste bilhete, o texto de Alana foi emoldurado com mais indagações sobre a discursividade, novas vozes, possibilidades outras de contrapalavras. O bilhete reafirmava o interesse pelo o que ela dizia desde a primeira versão: **Como era o castelo? Por que a princesa tinha sede de sangue? Qual o nome da princesa? Fala mais sobre ela.** Nessa sequência, evidenciou-se, um esforço em causar um estranhamento do objeto

em questão, em vista de que a cada passo de imersão no conto, havia a possibilidade de familiarização do objeto podendo resultar em uma estatização das ideias.

Para Amorim (2004), o estranhamento do objeto possibilita novas respostas pelo fato de haver sempre distanciamento; perplexidade e interrogação. No estranhamento do objeto nada está claro e evidente. Por isto, havia a necessidade e esforço por parte do pesquisador em emoldurar o texto de Alana, para que assim ela recebesse a oportunidade de rever suas visões e opiniões, que podiam sempre entrar em reconfigurações.

Na segunda versão do texto, Alana deixou outras lacunas discursivas, e como visto no último bilhete, decidiu-se abordar outros pontos-chaves para a estruturação da sua escrita: **1) aspectos do castelo e 2) doença da princesa.** Alana apresentou a sua contrapalavra:

#### Quadro 5 – Terceira versão do texto de Alana.

##### A Princesa Assassina

A princesa morava no castelo assombrado que ficava no Texas que é bem longe daqui desse mundo, o castelo era grande sim, as pessoas se perdiam dentro dele porque tinha 50 quartos 50 salas, mais de 10 torres e tudo era rodeado de jardim, a princesa dormia no quarto mais alto do castelo e era o mais lindo de todos, de lá via o jardim e ela era mesmo linda com os cabelos pretos e longos, até que um dia ela conheceu o príncipe ela se apaixonou mas ela sabia que uma hora ou outra ela iria matá-lo então disse vá embora você não pode ficar aqui, eu sou doente, não sei o que acontece que eu me transformo na lua cheia e mato qualquer pessoa que fica na minha frente, desde de pequena que eu sou assim, ninguém sabe o que aconteceu, foi um feitiço da bruxa malvada. O príncipe ele se recusou a ir, ela tentou com todas as forças, e de todo jeito não o matar, mas teve um dia que ela não conseguiu e matou ela ficou triste, mas no fundo ela amava muito ele, mas matou ele. O nome dessa princesa era Rapunzel diferente. Fim. Outra vez vou contar a história da Rapunzel boazinha.

Fonte: Banco de dados do pesquisador.

Desde a primeira versão do texto foi recorrente buscar intervenções que permitissem o detalhamento discursivo. Cada versão do texto apresentada por Alana havia inacabamento, reverberando, dessa forma, a necessidade discursiva de se apresentar a **caracterização de um castelo, um príncipe, uma princesa, um quadro psicótico**, os quais não se consegue avançar, a não ser, que criássemos mentalmente uma versão particular do conto. Porém, foi através do discurso inacabado de Alana que a realização emolduradora surgiu criando perspectivas dos eventos discursivos futuros. Tendo em vista que a eventicidade do ser é eventicidade aberta, sempre em um processo inacabado.

Para Bakhtin (2011; 2017), é o inacabamento que garante abertura e habilita o eu a me tornar outro diferente daquele que sou agora, em um movimento emoldurador contínuo e aberto. O autor ainda diz que: [...] “para poder viver e agir, necessito ser inacabado, estar aberto a mim mesmo. [...] tenho de ser, para mim mesmo, alguém que axiologicamente ainda-está-para-ser, alguém que não coincide com sua configuração preexistente” (BAKHTIN, 2011, p. 11).

Desde a primeira versão do texto, Alana deixava o leitor interessado em saber mais sobre os aspectos do castelo, não havia detalhes apurados da princesa e sobre sua sede de sangue. Contudo, após

o evento emoldurador, ficou explícito o desenvolvimento discursivo entre a primeira e a terceira versão da produção escrita.

Esse desenvolvimento discursivo da produção do texto de Alana pôde ser percebido na ampliação do conto a cada intervenção emolduradora do pesquisador. Esse encadeamento pode ser observado no quadro 6 para melhor comparação no tocante às características do castelo nas três versões do texto.

Quadro 6 – Evolução discursiva do texto de Alana.

<p style="text-align: center;"><b>Versão 1</b> <b>Características do castelo na primeira versão do texto</b> <i>“Era uma vez uma princesa que vivia no castelo assombrado.”</i></p>
<p style="text-align: center;"><b>Interlocução emolduradora no primeiro bilhete 1</b> <i>Fala mais sobre os personagens, como era a princesa? Diz mais como era o castelo, a princesa era louca? Ninguém sabia que ela tinha sede de sangue?</i></p>
<p style="text-align: center;"><b>Versão 2</b> <b>Características do castelo na segunda versão do texto após primeiro bilhete:</b> <i>“A princesa morava no castelo assombrado que ficava no Texas.”</i></p>
<p style="text-align: center;"><b>Interlocução emolduradora no segundo bilhete 2</b> <i>Eu fico imaginando como era esse castelo, se era grande, quantos quartos, quantos empregados, tinha festas? Então, por que que a princesa tinha sede de sangue? Como que ela adquiriu essa doença? Qual o nome dela? conta, conta, quero saber mais, estou esperando.</i></p>
<p style="text-align: center;"><b>Versão 3</b> <b>Características do castelo na terceira versão após segundo bilhete:</b> <i>“A princesa morava no castelo assombrado que ficava no Texas que é bem longe daqui desse mundo, o castelo era grande sim, as pessoas se perdiam dentro dele porque tinha 50 quartos 50 salas, mais de 10 torres e tudo era rodeado de jardim, a princesa dormia no quarto mais alto do castelo e era o mais lindo de todos”.</i></p>

Fonte: Banco de dados do pesquisador.

O quadro 6 apresenta evidências de que a vaga característica do castelo toma uma amplitude maior. O primeiro texto apresenta apenas a informação que o castelo era assombrado. No segundo, Alana acrescenta um local. Mas é no terceiro que entra em cena um castelo de outro mundo, muito grande, com 50 quartos, 50 salas e mais de 10 torres. Tudo era rodeado de um jardim.

A princesa também toma características definidas, aquilo que lemos na primeira versão do texto como **“uma princesa que tinha sede de sangue”** agora, na terceira versão, percebe-se que era muito **“linda, com cabelos pretos e longos”**. E qual a origem de sua sede de sangue? Na primeira versão não é possível inferir, mas após o emolduramento Alana conta que havia uma questão mágica durante a lua cheia, a princesa mudava de personalidade nessa fase devido ao feitiço de uma bruxa perdendo a noção de humanidade.

Na continuidade, na última linha do texto da terceira versão, Alana deixa uma abertura para prosseguir como interlocutora interessada na discussão, observe que ela se colocou à disposição para contar outra estória a partir da atual: **“outra vez vou contar a história da Rapunzel boazinha”**. Assim sendo,

Volóchinov (2017, p. 224) alerta sobre o elo da cadeia discursiva: “a língua é um processo ininterrupto de formação realizada por meio da interação sociodiscursiva dos falantes”.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando volta-se o olhar para as relações humanas, mais precisamente ao âmbito escolar em que este trabalho foi desenvolvido, seria imprescindível focalizar a construção do ser social através da linguagem, ou seja, direcionar o foco para os construtos das consciências a partir da exterioridade entre sujeitos organizados socialmente que se alteram mutuamente em um movimento de inconclusão e emolduramento permanente.

As discussões realizadas nesta investigação, por intermédio das versões do texto de Alana (“A Princesa Assassina”), demonstraram a essencialidade da interlocução interessada pela qual se desenvolveu o emoldurar da discursividade do outro proporcionando à realização e reelaboração de suas ideias. Para isso, notou-se a busca do pesquisador por intervenções que permitissem o detalhamento discursivo, uma vez que se notou inacabamento no texto apresentado.

A leitura atenta do pesquisador interessado cumpriu um papel essencial: o de proporcionar a continuidade do discurso pela recorrência das intervenções realizadas em sala de aula por meio do bilhete como instrumento emoldurador. Trata-se de um movimento que permite a reformulação de contrapalavras, que concebe o sujeito crítico e produtor de sentidos constituído pelo outro. Logo, o resultado das interlocuções e emolduramento da palavra de Alana pelo pesquisador, possibilitou um processo contínuo de reelaboração do discurso viabilizando novos encadeamentos para a concretização de novos sentidos.

## REFERÊNCIAS

- AMORIM, Marília. **O Pesquisador e Seu Outro: Bakhtin nas Ciências Humanas**. São Paulo: Musa, 2004.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura de Estética: a teoria do romance**. São Paulo: Hucitec, 2014.
- BAKHTIN, Mikhail. **Para uma Filosofia do Ato Responsável**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2017.
- BRAIT, Beth. Análise e Teoria do Discurso. In: Brait, B. (Org). **Bakhtin: Outros Conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.

BAZARIN, Milene. *A construção da interação entre professora e alunos em contexto escolar*. In: SIGNORINI, Inês (org.) **Gêneros Catalisadores: letramento e formação do professor**. São Paulo: Parábola, 2006.

BEZERRA, Paulo. Prefácio: uma obra à prova do tempo. In: Bakhtin, M. M. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

CLARK, K; HOLQUIST. **M. Mikhail Bakhtin (1984)**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: Rojo, R.; Cordeiro, G. (Orgs.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004

FARACO, Carlos Alberto. Autor e autoria. In: Brait, Beth (Org.). **Bakhtin: Conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: Abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU Editora, 1986.

MAGALHÃES JÚNIOR, Caibar Pereira. **O conceito de exotopia em Bakhtin: uma análise de O filho eterno, de Cristovão Tezza**. 2010. 248f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Setor de Ciências Humanas e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

MIOTELLO, Valdemir. O Cotejo se dá na Unidade de Resposta. In: **Palavras e Contrapalavras: entendendo o cotejo como proposta metodológica**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2017.

MIOTELLO, Valdemir. **Por uma escuta responsiva: a alteridade como ponto de partida**. São Carlos: Pedro e João editores, 2018.

OLIVEIRA, Ana Maria Abrahão dos Santos. Polifonia, Filosofia e Misticismo em Crime e Castigo, de Dostoiévski. In **Bakhtin e o Círculo em Fronteiras do Discurso**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2019.

SARAMAGO, José. **O Conto da Ilha Desconhecida**. Lisboa: Editorial Caminho, 1998.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Editora Cortez, 2011.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Problemas Fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem. São Paulo: Editora 34, 2017.

## COMO CITAR ESSE ARTIGO

### Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT)

SANTOS, Wilton Petrus dos; SANTOS, Adriana Cavalcanti dos; SILVA, Fernanda Rafaella da. O emoldurar bakhtiniano como proposta de intervenção e reelaboração textual. **Debates em Educação**, Maceió, v. 12, p. 205-219, set. 2020. ISSN 2175-6600. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/9961>. Acesso em: dd mmm. aaaa.

## **American Psychological Association (APA)**

Santos, W., Santos, A., & Silva, F. (2020). O emoldurar bakhtiniano como proposta de intervenção e reelaboração textual. *Debates em Educação*, 12(Esp), 205-219. doi: <https://doi.org/10.28998/2175-6600.2020v12nEsp205-219>